

O “BÍPEDE IMPLUME” PLATÔNICO E O “FRANGO DEPENADO” DE SÃO MIGUEL DO CAJURU

José Antônio de Ávila Sacramento

Como sabemos, Platão fundou uma escola de filosofia que foi o berço do racionalismo, do pensamento científico e de alguns dos mais interessantes conceitos sobre a justiça e a liberdade. Contam que um dia, estando Platão reunido com os seus discípulos, aventurou-se a conceituar o ser humano como um “animal bípede e implume”. O cínico¹ Diógenes de Sínope, aquele que morava num tonel e que em plena luz do dia tinha o costume de andar com uma lanterna acesa procurando um homem honesto, arranjou um jeito de depenar uma galinha e ironicamente mostrá-la para a turma: “eis aqui o homem de Platão!”.

Outro filósofo, Aristóteles, decerto foi quem primeiro evidenciou a preocupação com a evolução das espécies, já que se acredita que ele questionou: “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”. Aristóteles escreveu em sua “Historia Animalium”: “se existiu um primeiro homem, ele deve ter nascido sem pai nem mãe – o que é repugnante para a natureza. Pois não pode ter havido um primeiro ovo para dar origem aos pássaros, nem pode ter havido um primeiro pássaro que deu origem aos ovos, pois um pássaro vem de um ovo.”.

Admito que a partir de tais episódios os galiformes começaram a se integrar naturalmente ao nosso pensamento e a imagem deles foi povoando as mentes ocidentais. Estas modestas reflexões são meras peças introdutórias para o meu texto. Deixarei o aprofundamento delas para o professor José Maurício de Carvalho, renomado filósofo da Universidade Federal de São João del-Rei.

Ao registrar estas premissas galináceas, a minha intenção é evidenciar que as escolas de Platão e Aristóteles, voluntária ou involuntariamente, tiveram repercussão em todo o mundo e ilustram bons casos (ou causos) contados nesta “Terra Papagalli”, nos grotões destas muitas Minas e até mesmo nos sertões cajuruenses. Além das duas doutrinas filosóficas reconhecidas universalmente, fragmentos delas deram suportes para algumas

¹ Relativo a (ou adepto da) doutrina dos filósofos gregos Antístenes de Atenas (444-365 a.C.) e Diógenes de Sínope (400-325 a.C.), que se caracteriza especialmente pela oposição aos valores sociais e culturais em vigor, com base na convicção de que não é possível conciliar leis e convenções estabelecidas com a vida natural autêntica e virtuosa.

parábolas, a exemplo desta que aqui se segue e que tem sua essência no “bípede implume” platônico, não na hesitação aristotélica a respeito da primazia do ovo ou da galinha.

Quando eu era pequeno lá no (São Miguel do) Cajuru, meus pais e as visitas que eles recebiam contavam casos interessantes e bastante engraçados; a gente não participava das conversas, mas podia ouvir a toda aquela casuística. Quando apareciam os visitantes, a sala da fazenda era como um mero posto de passagem para a espaçosa cozinha, local onde quase de tudo era exposto verbalmente ao redor de uma grande mesa rodeada por bancos. A mesa era contígua do espaço que abrigava o fogão a lenha, de onde, quando não vinha a “bóia”, chegava um café reforçado com quitandas. Quem viveu ou já lidou na roça sabe que normalmente as visitas, por mais importantes que elas sejam, costumam ser bem recebidas nas cozinhas. O teor das prosas era quase sempre recheado por verdades. Algumas conversas eram um misto de realidade e ficção; outras soavam como galhofas. Tentarei reproduzir um dos casos que ouvi o meu pai contar e que ficou retido na minha mente.

Certa ocasião, numa fazendinha, um casal vivia sob juras de amor eterno que partiam principalmente da jovem esposa para o marido, ele um bocado mais velho do que ela. Numa daquelas conversas, o marido acabou interrogando a companheira:

— *Você saberia me dizer o que é a morte?*

E ela lhe respondeu:

— *Eu não, meu bem. Nem quero saber deste assunto!*

E o marido:

— *É bom pensar sobre o que te perguntei, pois a morte é a coisa mais certa da vida! Já que você num sabe, eu vou te explicar: os antigos diziam que a morte, quando aparece para levar gente, vem sempre na forma de um frango depenado... Então, presta atenção, a morte é um frango pelado. Esta é a mais pura verdade!*

Passavam-se os dias e o marido ia incutindo na cabeça da esposa aquela estereotipia. Quase todos os dias que eles tocavam no assunto, lá vinha o maridão com a história do frango desnudo. Quando ela já estava acreditando piamente que a morte não mais se apresentava na forma de um esqueleto encapuzado e com a foice na mão, mas sim com a forma de um frangote nu, o marido se deu por convencido, foi perdendo o interesse e deixou o

assunto de lado. As juras de amor continuavam. Ocasionalmente, quando alguém comentava sobre a morte, a patroinha logo se apressava em dizer:

— *Ah, se um dia a morte passar por aqui e quiser levar um de nós, que seja eu a primeira a ser levada! Eu pularei na frente dela e não deixarei que ela leve meu marido, pois sem ele eu não consigo viver...*

Passaram-se meses. Passaram-se alguns anos. Os compromissos amorosos eram sempre restaurados. O marido não se cansava de ouvir a patroa dizer:

— *Se um dia a morte vier, quero que ela venha para mim primeiro!*

Uma ocasião, estando já meio adoentado, passou pela cabeça do consorte a idéia de querer testar o tão cantado amor da sua concubina. Ele achava que se morresse de repente, o mais certo era que a sua amásia tivesse uma viuvez bastante reduzida, pois ela ainda estava bem sacudida². Assim, numa tarde, quando já estava lusco-fusco, o homem se lembrou da história da representação da morte e teve uma macabra idéia: entrou sorrateiramente no galinheiro; cruelmente, amordaçou e depenou um dos frangos; recolocou-o cuidadosamente no poleiro e deixou o coitado do peladão dormindo junto com a galinhada. No dia seguinte, como era costume, o casal acordou cedinho. Enquanto a patroa esperava a água ferver para coar o café, o marido pegou algumas espigas de milho, chegou à porta da cozinha e começou descascá-las com finalidade de alimentar as penosas. Ele previa que o frango, ainda que depenado e friorento, havia de aparecer. Por isto, chamou a esposa:

— *Vem cá, me ajuda a tratar das galinhas!*

Começaram a debulhar o milho e jogar os grãos no terreiro. Logo o frango foi chegando, esfomeado, meio cabreiro, realçando a sua presença entre as outras aves emplumadas. Nem bem viu aquela figura extravagante, a mulher lembrou-se da explicação da alegoria mortal e soltou pavoroso grito. Escondeu-se atrás do marido, fez o sinal-da-cruz e com a voz trêmula, perguntou:

— *O que é que é isto, meu Deus?*

E ele, sabendo o que se passava e o que queria, fingiu-se de assustado e respondeu:

² Este é um termo regional que significa: bonitona, saudável, bem disposta.

— *Valha-nos São Miguel... Deve ser a morte, e é mesmo a morte!*

Então a esposa, já se dando por irremediavelmente perdida ante aquela aparição, decidiu enfrentar a situação: encheu-se de coragem, adiantou-se ao marido, colocou uma das mãos na cintura, subiu nas pontas dos pés, estufou o peito, franziu a testa e com o dedo em riste bradou num tom quase que exigente:

— *Olha aqui, dona Morte: não sei quem é que a senhora veio buscar, mas se for eu, a senhora poderia me deixar aqui e levar ele desta vez. Ele é velho e já está até bem perrengue. Eu ainda estou na flor da idade, com saúde! Posso ficar para a outra vez?*

O caso, pelo que me pareceu foi bem entendido, terminou em gargalhadas e ficou interrompido neste ponto; não conheço a conclusão e nem mesmo se ele teve continuidade. Mas não fica muito difícil de imaginar qual terá sido o fim da vida conjugal daquele casal frente à aparição da morte encarnada no “bípede implume”. O casamento deles não deve ter sobrevivido; a chama amorosa que o mantinha manquitolando não era assim um belo fogaréu, aparentava mais ser um tosco pavio, pouco luminescente e que se apaga repentinamente.

Esta parábola cajuruense, ainda que ouvida há quase quatro décadas, parece não estar de todo ultrapassada e ainda poderá suscitar reflexões para ambos os sexos. Fico a pensar: será que todos os magnânimos casais do mundo hodierno, principalmente aqueles que sempre se apresentam como heróis ou heroínas românticos, passariam incólumes pelo teste da aparição do “frango depenado”? Será que alguns deles não dariam um sonoro xô na “morte”, recomendando que ela, antes de molestá-los, cuidasse de esticar as canelas dos seus consortes ou das suas consortes?

É experimentar para ver... Quem sabe? Sim ou não?



Texto publicado originalmente no Jornal de Minas - São João del-Rei/MG, ano X, edição 137, p.2, 01 a 07/10/2010.

